

MOSSORÓ, TERRA DA RESISTÊNCIA? A CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) ENUNCIADA(S) NA LITERATURA DE CORDEL

Ana Shirley de Vasconcelos Oliveira Evangelista (UFRN)
shirley_dado@hotmail.com

Para início de conversa

No dia treze de junho de 1927, Lampião e seu grupo invadem, em busca de recursos financeiros, a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte, sendo repellido pela população local, produzindo na memória coletiva a imagem de uma cidade da resistência, singularizando Mossoró como o (único) lugar que expulsou o mais famoso e temido grupo de cangaceiros. Tendo como fio condutor, o acontecimento de vinte e sete, o presente estudo investiga as construções identitárias de Mossoró, nos enunciados da literatura de cordel que tratam da temática em evidência, produzidos entre o espaço-tempo de 1927 e 2007, ano em que a cidade comemorou oitenta anos do episódio. Ciente de que o tema extrapolou os limites dos meios comunicacionais da época e passou a integrar o cotidiano dos mossoroenses em nomes de ruas, nomes de empresas, nas rádios com a “FM resistência”, nos discursos políticos, na sede da prefeitura cujo nome é “Palácio da Resistência”, a questão central que orienta nossa investigação congrega a discussão em torno das relações dialógicas travadas nos enunciados sobre o discurso da resistência da cidade de Mossoró ao bando de Lampião, no ano de 1927.

Para tanto, no âmbito geral objetivamos compreender e interpretar os sentidos e os valores que atravessam os discursos constituintes do *corpus* da pesquisa, auxiliando na atribuição de identidades da cidade mossoroense. Inscrita na área da Linguística Aplicada (LA), a pesquisa articula as teorizações provindas da área dos Estudos Culturais (sobretudo no que se refere à identidade) com os referenciais teóricos do Círculo bakhtiniano (no tocante a concepção sócio-histórica da linguagem e em seu caráter dialógico). Nesse viés, a pesquisa elegeu como categorias de análise o conceito de vozes sociais e cronotopia, considerando que as diferentes identidades são produzidas em função dos posicionamentos tomados pelos sujeitos, bem como, pelos contextos de produção.

Delineando o perfil desse estudo, o direcionamento metodológico é de natureza qualitativa e base interpretativista. Em relação, ainda, a metodologia adotada, mais especificamente no que tange a apreciação dos enunciados, privilegiamos o modelo escrito, uma vez que trabalhamos com textos documentais verbalmente impressos.

Finalmente, para orientar nossa discussão e no intuito de evidenciar os caminhos percorridos na presente investigação, optamos por seccionar nosso texto da seguinte forma: inicialmente realizamos uma breve incursão acerca das manifestações discursivas que compuseram/ compõem as narrativas tidas como oficiais em torno da cidade. Ademais, retomamos o treze de junho de vinte e sete nas vozes de Cascudo (1996 [1955]) e Mário de Andrade (2005 [1975]), a fim de contextualizar o episódio.

Nos tópicos seguintes, intitulados “Linguagem e identidade discursiva: aportes teóricos”, “À porta do Cronotopo bakhtiniano” e a “A construção da noção de identidade” apresentamos os aportes teóricos que subsidiam nossas análises. O tópico seguinte será dedicado às análises dos enunciados cordelísticos. Em seguida, com um ar de acabamento (provisório) teceremos nossas considerações finais, em que realizaremos uma avaliação dos resultados alcançados e as contribuições de nosso estudo para a área.

Notas e documentos para a história de Mossoró¹

Sob a emergente angulação de uma história oficial para cidade, quatro temas são os pilares que sustentam a memória coletiva mossoroense: “A resistência ao bando de Lampião” (1927), o “primeiro voto feminino” (1927), o “Motim das mulheres” (1875) e o “30 de setembro (1883)”, difundindo, em conjunto com a Coleção Mossoroense e com o órgão financiado pela prefeitura, o Boletim bibliográfico², uma identidade histórica e cultural para Mossoró, a qual se estrutura discursivamente na resistência, com o enunciado: “Mossoró, terra da resistência”, no ineditismo, “Mossoró, terra do primeiro voto feminino” e na liberdade, “Mossoró, terra da liberdade” e o “Motim das mulheres”.

Estes quatro episódios, marcos simbólicos da cidade, delineam construtos ideológicos que reforçam e legitimam não apenas uma identidade, mas um poder político local, materializado nos membros da família Rosado.

Em assim sendo, foi neste espaço-tempo dos fatos históricos mencionados que Vingt-un Rosado, consagrou a cidade no fictício país, por meio da manifestação linguística, “país de Mossoró”, propiciando o expansionismo de uma memória político-ideológica social e cultural para cidade, constantemente ressignificada em sua estrutura física (nomes de praças, ruas, prédios públicos), como também, através dos festejos locais, conhecidos como “autos”. Segundo Cascudo, os “autos” são encenações de enredos populares religiosos ou profanos, representadas no ciclo das festas natalinas (CASCUDO, 2001, p. 29).

Em Mossoró, existem três autos que ganham destaque no segundo semestre de todos os anos. O primeiro deles, o espetáculo “Chuva de bala no país de Mossoró”, encenado durante os festejos juninos na conhecida produção “Mossoró: cidade junina”, narra exclusivamente, o treze de junho de vinte e sete. O segundo, “Auto da Liberdade” ocorrido no mês de setembro, faz uma compilação dos quatro episódios já citados, com especial destaque para o “30 de setembro”. Já o último, encenado em dezembro, liga-se à esfera³ religiosa, mais especificamente, a festa de Santa Luzia, padroeira da cidade e figura religiosa de quem o cangaceiro Lampião era devoto.

Notemos que, mais que uma simples diversão e ludicidade em que se busca promover a arte e a cultura local, tais eventos representam a tentativa de manutenção dos dizeres oficiais, capazes de produzir identidades múltiplas (política, cultural, social, atualmente, turística e por consequência, progressista), através do encantamento das narrativas que desperta um sentimento de pertencimento, não apenas em nativos, mas naqueles que nela vão residir, como relata o natalense Nascimento (2002), residente em Mossoró desde 1998:

¹ Título homônimo a obra de Luís da Câmara Cascudo, Notas e documentos para a história de Mossoró publicado em 1955. A obra de Cascudo foi encomendada pelo prefeito da cidade Dix-Huit Rosado para que aquele escrevesse uma “História de Mossoró” (CASCUDO, 1955, p.5).

² “Em 1949, surge a Coleção Mossoroense funcionando como mecanismo de publicação e editoração de tudo aquilo produzido intelectualmente sobre o espaço mossoroense e região, **nessa mesma posição surge em 30 de setembro de 1948, o Boletim bibliográfico que tinha como principal objetivo** (grifo nosso), publicar e divulgar a produção intelectual que abordasse as temáticas acerca do espaço mossoroense” (COSTA, 2012 [2011], p. 60-61).

³ O conceito de esfera é discutido por Bakhtin/Volochínov (2010 [1929]) na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”. Para ambos, “(...) cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, op.cit. p. 33).

Para ser mossoroense, não basta ter nascido em Mossoró, tem que gostar de Mossoró, pois ser mossoroense é um estado de espírito. Ser mossoroense é sentir orgulho de pertencer a uma gente que lutou para defender a cidade dos cangaceiros (...). Não nasci em Mossoró; vim por força do trabalho, mas aqui chegando, comecei a conhecer as suas ruas e praças, museu e biblioteca, sua história e suas lutas. Conheci a alma da cidade. E assim sendo, passei a ter mossorolinidade (NASCIMENTO, 2002, pp. 171-172).

É, portanto, nesse percurso de ressignificação discursiva em busca da valorização de um possível perfil solidificado para cidade mossoroense, que resolvemos contemplar posicionamentos axiológicos que evidenciem e situem o acontecimento em determinados tempo e espaço, no intuito de perceber os valores agregados ao episódio e a identidade da cidade na literatura de cordel.

Resistência: breve relato sobre o treze de junho

Mossoró 1927

Em maio de 1927 Virgolino Ferreira, o capitão Lampeão⁴ (1900-1983) aproximava-se da cidade, espalhando o terror. A intendência, a 19 de maio, dá poderes amplos a Rodolfo Fernandes, crédito ilimitado, criação de guardas municipais armadas no número que julgasse conveniente, etc. O governo enviou força policial. Lampeão exigia 400.000\$ para não atacar a cidade. Rodolfo Fernandes foi a alma da reação armada e popular. Lampeão, no bilhete a lápis, dizia na sua ortografia alucinante: - “Cel. Rodolpho. Estando eu até aqui pretendo din. ° já foi um a Viso ahi pa o Sin Loris, si por acauso resolver, mi a mandar, a enportança que aqui nos nus pedi, Eu evito di Entrada, ahi porem não vindo, esta Emportança eu entro ate hi penço qui adeus queru, eu entro,i vai aver muito estrago,por isto si vir eu não entro, ahi sem me reposte logo. Capm° Lanpiaõ” (...) Lampeão atacou, com mais de 50 cangaceiros, às 4 horas da tarde de 13 de junho de 1927 e foi repellido, perdendo dois bandidos, Colchête e Jararaca. Olhando a cidade do Alto da Conceição, vendo as torres das várias igrejas, disse, profético: - “Terra com mais de uma torre não é p’ra cangaceiro atacar!...” Mas estava ali e premido pelos sub-tenentes, Massilon Leite e Sabino Gomes, deu sinal do ataque e a horda desceu cantando a “Mulher rendeira”. A Intendencia votou moções entusiásticas a todos os defensores, especialmente a Rodolfo Fernandes: alvo do ódio de Lampeão (CASCUDO, 1996 [1955], pp. 156-157).

Os dois fatos porventura mais curiosos da vida de Lampião são a ida a Joazeiro e o assalto a Mossoró em 1927 (ANDRADE, 2005 [1932/1975], p. 55).

Os relatos de Cascudo (1996 [1955]) e Mário de Andrade (2005 [1975]) registram a presença de Lampião e sua investida contra a cidade de Mossoró na década de vinte. De acordo com os registros oficiais, (jornais da época, entrevistas, livros sobre

⁴ Lembramos que, novamente, optamos por preservar a ortografia original das fontes citadas nesta tese.

o assunto e o conhecido diário do coronel Antônio Gurgel⁵), em vinte e sete, com a chegada do progresso, Mossoró vivia um período áureo, de expansão comercial e industrial. Nesse viés, os discursos da época defendem que o ataque de Lampião e seu bando à cidade mossoroense foi motivado pela cobiça e ganância dos cangaceiros, em especial, do cangaceiro Benevides Massilon Leite, homem de confiança de Lampião “que lhe garantiria tirar bom resultado, pois ele Lampião nunca tencionara penetrar nesse estado por que não tinha nenhum inimigo, e se por acaso, (...) tivesse de passar por algum ponto do Rio Grande do Norte, faria sem roubar” (NONATO, 2005 [1953], p. 87).

Há também outras duas versões não oficiais: uma relata o fato de Lampião e seu bando não terem nem conseguido entrar na cidade e a outra de que o assalto foi um combinado entre o prefeito Rodolfo Fernandes e o cangaceiro Lampião para aquele ter fama. Independente, porém, de qual versão seja a verdadeira, os discursos sobre o episódio divulgados até os dias atuais, referem-se ao movimento de participação e união popular em defesa da cidade contra o grupo de cangaceiros que pretendiam saquear Mossoró.

Linguagem e identidade discursiva: aportes teóricos.

Em se tratando o nosso estudo, de uma investigação inserida no campo da LA contemporânea, a qual encontra seu objeto para além da sala de aula, direcionando as discussões para “virada discursiva” (MOITA LOPES, 2006, p. 96) ao assumir uma natureza híbrido-mestiça, ancoramos nossa pesquisa em uma concepção de linguagem que vincula a arte à vida ou discurso e vida.

Partindo desse eixo paradigmático, pensamos a linguagem, através do princípio norteador que costura todo o pensamento do Círculo⁶, o dialogismo (1920-24, 1929, 1963, 1975, 1979, 1981). As discussões orientam-se para uma visão de linguagem como um modo de estar e de agir no mundo, em que a realidade é refratada. Dito de outro modo, as significações vão sendo materializadas na “dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais” (FARACO, 2007, p. 51).

Para o Círculo (op.cit), as relações dialógicas não se resumem ao modelo simplista dicionarizado da conversação entre pessoas, mas se encontram situadas na esfera discursiva, nas vozes implicitamente presentes no enunciado, inclusive nos enunciados proferidos na conversação, fato que envolve “responsividade e, por conseguinte, juízo de valor” (BAKHTIN, 2010, p. 328 [1920-24, 1929, 1963, 1975, 1979, 1981]), em que vislumbramos pontos de vista específicos sobre a realidade circundante.

Nesse processo, as vozes são “relações de sentido entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 323). Elas são respostas ativas que ora aderem ora refutam aquilo que foi dito, como também, antecipam outras entonações: adesões, críticas, recusas, evidenciando um elo ininterrupto na cadeia discursiva.

⁵ O Cel. Antônio Gurgel, prisioneiro de Lampião, escreveu um diário em que descreve sua vivência com o bando.

⁶ A denominação Círculo de Bakhtin “foi atribuída *a posteriori* por estudiosos de seus trabalhos para identificar o conjunto da obra. O círculo era constituído por um grupo de intelectuais de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais que se reuniu durante dez anos e teve como foco o signo a linguagem com base numa concepção dialógica” (FARACO, 2007, p.12-13).

Nesse âmbito, as reflexões bakhtinianas (1934-35) recaem sobre o entendimento axiológico da linguagem, inserindo a palavra num patamar envolto “pelo sentimento de uma atividade volitiva” (BAKHTIN, 2010 [1975], p. 65), diferenciando-se do sentido literal, das abstrações gramaticais. Desse modo, o nosso discurso, conforme Fiorin (2006, p. 167), “não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo”.

Grosso modo, nessa direção, um objeto qualquer por mim referido, já se encontra constituído de palavras e valorações alheias. O sentido é, portanto, construído nas interações com o outro, “na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (BAKHTIN, 2003, [1979] p. 311), no emaranhado de vozes que se atravessam ininterruptamente, provocando novas axiologias. Sendo a linguagem considerada a interação, o diálogo entre as línguas sociais ou vozes sociais.

Enunciar, com base nesse entendimento, significa entrar em contato discursivo com tonalidades de verdades múltiplas. Pensar o enunciado, e conseqüentemente o sujeito e a linguagem por essa ótica, pressupõe pensar em relações de alteridade. Quando falamos em alteridade, nos referimos, grosso modo, ao encontro do “eu” com o “outro”, ou como propõe Amorim (2004), do “descobrir-se outro ou do descobri o outro em mim” (op.cit, p.79).

No escopo dos estudos alteritários, Bakhtin (2003 [1979]) relaciona a alteridade a partir da noção de bivocalidade cujo discurso e seu objeto encontram-se em meio a “discursos alheios”, revelando, pelo menos, duas posições, a do “eu” e a do “não-eu”.

Em outras palavras, é a partir do meio social, repleto de tensões interativas, por conseguinte, repleto da presença do outro, que o “eu” é constituído, pensamento o qual repele o posicionamento do “eu” como fruto exclusivo da consciência individual. Desse modo, alteridade e identidade estão intrinsecamente concatenadas. Sendo esta última um constante devir, encontrando-se em um ininterrupto processo de construção, resultante do acabamento que o outro oferece. Indo nessa direção, alertamos que o reconhecimento do outro no “eu” não significa a inexistência do ser, uma vez que o “eu” possui traços subjetivos, ele assume responsabilidade no momento que enuncia ao optar por esta ou aquela palavra, ele é responsivo ao efetuar valorações.

Portanto, nessa perspectiva, sendo o sujeito constituído e constituidor de outros sujeitos, ou seja, sendo ele heterogêneo, seu discurso também o é, e o dialogismo, conforme Bakhtin (2010b/ [1929]), constituído por várias vozes é a condição necessária para a existência de todo discurso.

À porta do Cronotopo bakhtiniano

No arcabouço teórico do Círculo bakhtiniano nos deparamos com múltiplos conceitos como: “carnavalização, exotopia, gêneros do discurso, dialogismo, esfera, enunciado, autoria, estilo, discurso (outrem), grotesco, cronotopo”, entre outros, que revelam, por meio de sua relação com o texto, com a palavra axiologicamente valorada, os diferentes caminhos percorridos por esses estudiosos para compreensão do homem, em sua condição humana, social, viva e pulsante. Com base nesse entendimento, concentramos nossa atenção na noção de cronotopia, a qual se encontra diluída dialogicamente em “A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (2008 [1965]), Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (2010 [1975]) e Estética da Criação Verbal (2010/2003 [1979])”.

Para Bakhtin (2010 [1975]), a noção de cronotopicidade, advinda das ciências exatas, exprime a indissolubilidade do “espaço-tempo” em que os “índices de tempo

transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (op.cit, p.211). Isto é, há uma compressão das relações temporais e espaciais. Assim sendo, “em literatura o processo de assimilação do tempo, do espaço, e do indivíduo histórico que se revela neles, tem fluído complexa e intermitentemente” (op.cit, p. 211).

A esse respeito, afirmamos que o sujeito, devido a seu inacabamento, encontra-se em um intermitente processo de constituição determinado pela “situação social mais imediata” (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 116). Isto é, sendo o sujeito resultado das interações sociais e influenciado pelas trocas alteritárias, julgamos a cronotopicidade como um evento valorado, como um acontecimento em que “o sujeito constrói temporalidades e espacialidades e se constrói constitutivamente em relação a elas e por elas” (ALVES, 2012, p. 314), compondo o ato de fala.

Partindo do entendimento que o posicionamento é espaço e temporalmente situado, portanto, é cronotópico e axiológico, interessa-nos ler o tempo e o espaço, não da esfera literária romanesca, e sim, da literatura de cordel. Sendo assim, embora o cordel esteja inserido no campo da literatura que durante certo tempo fora considerada marginal, realçamos que os cronotopos os quais organizam as vozes situadas nessa esfera, incidem sobre uma atmosfera social, uma vez que o gênero em estudo possibilita que enxerguemos as práticas discursivas envolvidas na sua dimensão valorativa cujos “(...) acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enchem-se de sangue” (BAKHTIN, 2010 [1975], p. 355).

O que nos remete a significações diversas e mostra-nos o modo como cada sujeito, inserido em uma determinada época e em um determinado lugar atribui sentidos ao objeto do dizer em relação ao tempo-espaço concebidos. Referindo-se, pois, as práticas de linguagem figurativas de um contexto social e cultural, as quais se estruturam em torno dos gêneros do discurso. Bakhtin (2010 [1979]) ao mencionar as condições de enunciação, inseridas em cronotopos diversos sinaliza que:

O cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros na literatura. Pode-se dizer francamente que o gênero e as variedades de gênero são determinadas justamente pelo cronotopo, sendo que em literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria conteudístico-formal determina (em medida significativa) também a imagem do indivíduo na literatura, essa imagem sempre é fundamentalmente cronotópica (BAKHTIN, op.cit, p.212).

Assim sendo, considerando o pensamento do autor no tocante a natureza dialógica da linguagem com todas as suas implicações (interações, inacabamento, relações alteritárias, vozes axiológicas, responsividade, evento, entre outros), asseveramos que cada nova atividade atravessada por ressignificações de espaço-tempo, reacentuam-se a partir de um gênero específico com seus componentes estruturais, estilísticos, valorativos e cronotópicos.

A construção da noção de identidade

A teorização da identidade tem sido abordada por diferentes áreas do conhecimento, a saber: a Geografia, a História, a Psicologia, a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Literatura e a Linguística Aplicada. O debate sobre essa temática perpassa por muitos caminhos, desde a construção da territorialidade até a oscilação entre a corrente “essencialista” e a corrente da “construção social”.

A perspectiva essencialista problematiza a identidade no nível do pessoal, no nível psíquico das identidades e das subjetividades modernas, como um dos caminhos para a discussão do termo. Em verdade, é concebida como “uma reflexividade da modernidade que se estende ao núcleo do eu”. (GIDDENS, 2002 p. 37).

Na pós-modernidade (HALL, 2011) ou modernidade tardia (GIDDENS, 2002), ou ainda, modernidade líquida (BAUMAN, 2001) a identidade de um ser não está solidificada em seu DNA, mas na discursividade, nos cronotopos. Dito de outro modo, a identidade passa a ser concebida historicamente e não biologicamente. Ela é percebida, conforme essa compreensão, sempre em movimento, estando em constante construção, isso significa que a identidade “não é algo que já existe, transcendendo lugar, tempo história e cultura [...]. Ela pertence tanto ao futuro como ao passado” (HALL, 2011, p. 13).

Nesse contexto de permanente fluidez, a multiplicidade identitária que envolve o sujeito pós-moderno, “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (HALL, 2011, p.13), desconstrói o entendimento de uma identidade fixa e estável. Os posicionamentos tomados pelos sujeitos e construídos no interior das práticas discursivas são, conforme o autor, representações, que por sua vez, se constroem “ao longo de uma falta, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro” (HALL, op.cit. p. 112). Tal concepção assenta-se na compreensão da identidade ser relacional.

A identidade nasce no seio da diferença a qual se estabelece através do sistema social de organização simbólica relativa a outras identidades. Em se tratando do nosso objeto, quando discursivamente o sujeito refere-se a cidade de Mossoró como terra da resistência, não o coloca como algo pronto e acabado, mas o faz por que há um outro (cidade) que não compartilha dessa representação, o que implica dizer, no âmbito dessa discussão que a(s) identidade(s) atribuída(s) a cidade, não pode(m) ser considerada(s) um produto, e sim um processo de construção identitária social, cultural e histórica efetivado discursivamente.

Mossoró, terra da resistência? a construção da(s) identidade(s) enunciada(s)

Entre as diversas manifestações discursivas emanadas do episódio da resistência mossoroense ao bando de Lampião, elegemos a literatura de cordel, enquanto prática discursiva de uma dada esfera local como empiria, pois consideramos seus discursos como “lugar de produção e circulação de conhecimentos” (AMORIM, 2002, p.1). Entendemos, ainda, que as práticas discursivas manifestadas pelas vozes inscritas nos enunciados cordelísticos apresentam-se como práticas sociais, as quais discursivamente, a exemplo de Bakhtin (2010 [1979]) refletem e refratam um dado acontecimento local. Para organização analítica do material a nossa disposição, os cordéis selecionados serão identificados pela composição da letra **E** (maiúscula e em negrito), seguida por uma sequência numeral crescente, também em negrito.

Por compreendermos que o acontecimento enunciado pelos sujeitos de nossa investigação está intrinsecamente concatenado as circunstâncias histórico-sociais, realçamos o conceito de cronotopia, o qual permite situar a identidade de Mossoró em certo tempo e espaço, no tocante aos dizeres sobre a resistência, possibilitando, desse modo, uma incessante ressignificação discursiva do objeto apreciado.

Assim sendo, selecionamos enunciados presentes em dois cordéis inscritos em espaços-tempos diversos que discursivizam o episódio. São eles: “A derrota de Lampião em Mossoró/ José Otavio Pereira de Lima” (1927) e Mossoró comemora 80 anos de resistência ao bando de Lampião/ Ademar Pedro Alves (2007). Em virtude disso, por

meio do entrecruzamento de vozes, buscamos significados que imprimem tons avaliativos que auxiliam na construção da(s) identidade(s) atribuída(s) a Mossoró.

E1 A derrota de Lampião em Mossoró/ José Otavio Pereira de Lima (1927)

Nos dois cordéis selecionados para a análise de nosso objeto, percebemos que ambos trazem em seus títulos, por meio de termos como: “derrota” e “comemora”, uma referência explícita ao discurso que converge para identidade da resistência atribuída à cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Nessa perspectiva, observamos que o título de **E1**, escrito em 1927, para enunciar o conflito entre Lampião e a cidade mossoroense, o faz tendo como referencial a figura lampionesca. A ação da cidade não é enunciada a partir de sua vitória ou resistência, mas o foco centra-se na derrota do cangaceiro, estratégia, que a nosso ver, enfatiza e valora de modo mais positivo a ação da cidade. Em resumo, ao inserir no título do cordel o substantivo “derrota”, somado a preposição “de”, o enunciador opera, por meio de uma estratégia linguística que auxilia na exacerbação do golpe sofrido por Lampião. Afinal, o ato de perder pertence a ele, ao “Capitão do cangaço”, o “governador dos sertões”, conhecido, temido e respeitado por todos que fracassou perante a cidade de Mossoró.

Nesse viés, no interior da escritura cordelística, a cidade é descrita de modo oscilante, a priori, sob a ótica do enunciador, ela é a “capital do sertão”, O que a qualifica como uma cidade de grande porte, a mais importante da região, com riquezas e bens acumulados. Vejamos:

Foi uma tarde chuvosa
De tempestade e trovão
Que Virgulino Ferreira,
Comandou o grande ataque
Com o fim de fazer saque
Da **capital do sertão**
Vamos fazer grande feira
Ataquemos Mossoró

Por sua vez, a partir da visão dos cangaceiros, a cidade e a sua população são qualificadas depreciativamente, através do uso de recursos denominados de modalizadores como os adjetivos e as expressões com valor adjetivo, que funcionam como predicativo. Ou seja, passam a indicar um modo de ser do substantivo ou, pelo menos, como ele é percebido pelo outro⁷. Conforme os versos a seguir:

Lá tem gente de boró
Que só **sabe dá carreira**
O povo de lá é mofino
De qualquer coisa tem medo;
[...]
Mossoró pra nós é troça.

⁷ Segundo Koch (1999), os “modalizadores são elementos linguísticos ligados diretamente ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de sentimentos e atitudes do locutor em relação ao seu discurso” (KOCH, op.cit. p. 138).

Nas estrofes seguintes, o discurso sobre a cidade recebe uma nova roupagem. Observemos:

Nós fomo bem castigados
Mossoró não é caçoadá
[...]
A data de 13 de junho
Em ouro ficou gravada
[...]
Despontando alviçadeira
Sobre a cidade altaneira
Nobre, santa e imaculada.

Sob essa ótica, a narrativa apresenta uma identidade volátil que oscila entre a representação de cidade previamente derrotada pronta para ser invadida e saqueada pelo cangaceiro e a representação de cidade vitoriosa, que resiste. Em sua ação, a cidade é soberana, sagrada e pura, passando a ser caracterizada a partir de elementos como: “santa e imaculada”. Nessa perspectiva, para auxiliar a construção do seu ponto de vista o sujeito incorpora vozes e sentidos que circulam em outras esferas da sociedade. O discurso alicerça-se na assimilação da esfera religiosa, artifício realçador de uma apreciação valorativa que dá relevo a imagem cidadina da resistência.

Nesse viés, a materialidade textual nos faz perceber, ainda, que a narrativa do episódio apresenta-se situada em dois espaços temporais. O primeiro momento destaca a concepção dos cangaceiros acerca da cidade e de seus personagens antes do ataque e o segundo enfatiza o conflito e a imagem de Mossoró após o acontecimento. Por esse ângulo, observamos que o processo de construção identitária está diretamente ligado tanto ao posicionamento assumido pelo enunciador assim como não ao que o sujeito é e sim, no que ele se transforma.

A identidade cidadina é constituída na forma como Mossoró (e sua população) é percebida pelo outro, e, no modo como tal percepção influencia na representação dos sujeitos. Assim sendo, com base nos dizeres dos cangaceiros, mesmo estes se destacando como um olhar de oposição, a identidade “Mossoró é resistente”, atribuída socialmente a cidade, é confirmada e reconhecida. Enfim, observando toda essa mobilidade semântica no tocante ao comportamento e aos papéis conferidos aos sujeitos, percebemos que em **E1**, num tom discursivo laudatório evidencia-se, em relação à cidade, o sentimento ufanista de amor à pátria que se posiciona em prol da imagem da resistência.

E2 Mossoró comemora 80 anos de resistência ao bando de Lampião/ Ademar Pedro Alves (2007).

Os enunciados presentes no tempo-espaço do cordel em análise foram produzidos por ocasião dos oitenta anos do episódio de vinte e sete. Significa que as vozes enunciativas sobre a passagem de Lampião e seu bando por Mossoró encontram-se no espaço-tempo social e político do acontecimento, uma vez que, o sintagma verbal “comemorar”, herdado da língua latina *comememorare*, possui um caráter político, auxiliando na construção da memória individual/coletiva.

O processo discursivo de **E2** é construído, especialmente, a partir das transformações ocorridas na cidade, tecendo uma identidade progressista e laboral. A cidade está assentada no frenesi dos tempos modernos. Na narrativa há uma ênfase aos elementos associados ao crescimento local, conforme descritos nos versos a seguir:

Com o comércio lisonjeiro
Tínhamos do país
Maior parque salineiro
Firma descaroadeira
Grande produção de cera
[...]

O metamorfoseamento por que passa a cidade é visto de modo positivo. Há no discurso uma voz que adere, valoriza e, principalmente, orgulha-se do progresso conquistado. Vejamos:

Mossoró era uma cidade
Do país reconhecida
[...]
Sua fama cresceu tanto
Falavam-se em todo canto
Que o nosso lugar é bento.
[...]
É a cidade do dinheiro
De um povo hospitaleiro
Quem entra não quer sair.

O sujeito enunciador ao evidenciar valorativamente a prosperidade e abundância em que se encontra a cidade descreve um mundo ideal. Essa ideia perpassa todo o enunciado, cujas referências aos cidadãos e costumes encorpam axiologicamente um cenário que esculpe o perfil citadino, à moda gonçalviana⁸, alicerçado positivamente no discurso do desenvolvimento econômico e no sentimento de pertencimento, expresso pelo uso das formas verbais “entrar” e “sair”. Isto é, um “aqui” em oposição a um “lá”, em que se privilegia a ufanização da paisagem local.

O surgimento dessa(s) identidade(s) é prelúdio de uma nova silhueta que se revela para a cidade, conforme descrevem esses versos do cordel:

As Trincheiras eram formadas
E nas ruas barricadas
Já que não tinha mais jeito
[...]
Entraram em Mossoró
Dispostos a saquear
Foram recebidos a balas
Não deu nem pra começar
Da trincheira do prefeito
Cuspiam bala de um jeito
Que fez Lampião vazar

Esse novo perfil da cidade concretiza-se em função da sua relação com o forasteiro invasor, representado aqui pelos cangaceiros. Nestes trechos a figura dos cangaceiros é construída a partir de uma demonização dos mesmos. Assim sendo, eles aparecem como facínoras saqueadores, conforme registram os seguintes versos: “(...) Entraram em Mossoró// Dispostos a saquear”.

Sob tal perspectiva, a materialidade discursiva ganha contornos memorialísticos, tanto no que diz respeito à utilização das formas verbais no pretérito

⁸ Referimos-nos ao escritor da primeira geração romântica, Gonçalves Dias (1823-1864) por apresentar em seus textos um nacionalismo o qual possui como característica uma exaltação idealizada da pátria.

“eram”, “entraram” e “foram”, bem como, e principalmente, pelo desejo de instaurar uma discursividade que evoca positivamente um passado de lutas e conquistas. Desse modo, a identidade cidadina transfigura-se. Torna-se fortaleza, corroborando para a fabricação identitária da resistência, reiterada nos versos a seguir:

Daqui pra frente vocês
Sabem o que aconteceu
Lampião fez o ataque
E Mossoró combateu
Hoje está na história
Mossoró com toda glória
Vivendo no apogeu.

Assim constituída, a identidade singulariza a cidade de Mossoró estabelecendo um continuísmo do passado produzindo, desse modo, sentidos que funcionam como traços de consolidação ou (re)afirmação de uma almejada identidade. Essa tonalidade axiológica de ratificação identitária concretiza-se verbalmente no discurso, através dos versos, “Hoje está na história// Mossoró com toda glória// Vivendo no apogeu”.

Enfim, a(s) identidade(s) atribuída(s) à cidade nos enunciados analisados processa(m)-se em função de estratégias discursivo-lexicais dos cordéis que convergem para o discurso hegemônico oficial, corroborando com o perfil identitário da resistência cidadina ao bando de Lampião, veiculado ao longo de oitenta anos.

Considerações finais

Neste artigo, centramos nosso olhar nos enunciados que atravessam os discursos presentes em dois cordéis produzidos em cronotopos diversificados espaço-temporalmente (1927 e 2007). Assim sendo, objetivamos investigar os sentidos e valores presentes em ambos, que auxiliam na atribuição da(s) identidade(s) da cidade de Mossoró em relação aos dizeres que flutuam em torno do episódio da resistência ao bando de Lampião. Para tanto, fez-se necessário que levássemos em consideração o fato de que todo evento discursivo emerge como respostas ativas no diálogo social. Nesse viés, ao problematizar sobre nosso objeto nos preocupamos em discutir a respeito das relações dialógicas travadas nos enunciados, por diferentes sujeitos.

Conforme discutido, observamos que apesar de apresentar certa mobilidade em sua teia identitária, dialogando com o pensamento pós-moderno dos Estudos culturais, percebemos que os enunciados dos cordéis produziram sentidos axiológicos que convergiram/convergem para o discurso hegemônico que circunda a cidade, seja o perfil épico idealizado no cordel de vinte e sete, seja a identidade que transita entre uma cidade idealizada e uma cidade mais real, presente nos enunciados de dois mil e sete, corroborando, desse modo, com a construção de um perfil identitário para Mossoró que parte do “discurso da resistência para resistência do discurso” e, por conseguinte resistência de uma identidade, veiculada ao longo de oitenta anos. A identidade de “Mossoró, terra da resistência”.

Estabelecendo, portanto, um acabamento estético inerente ao gênero artigo, a nosso ver, as análises empreendidas cumpriram com sua função, visto que dos enunciados dos cordéis entoaram vozes, que numa perspectiva histórico-social e dialógica construíram identidades para a cidade de Mossoró. Todavia, considerando o eterno inacabamento do ser e tendo em vista a impossibilidade do esgotamento temático, acreditamos nas contribuições que nossa pesquisa trará para investigações futuras desenvolvidas no âmbito da Linguística Aplicada. Pesquisas que envolvam, por

exemplo, o processo identitário de autoria circunscrito nos cordéis, ou ainda, o perfil do público-leitor dos cordéis na atualidade, com o intuito de compreender o processo de circulação e produção discursiva do gênero, a partir da imagem que se faz do outro.

Destacamos, também, a possibilidade de investigação dos enunciados verbos-visuais, a exemplo das capas cordelísticas, as quais de certo modo, refratam discursos que, tendo em vista o contexto de produção e recepção, circulam no processo interacional contemplado através das múltiplas interpretações.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ademar Pedro. *Mossoró comemora 80 anos de resistência ao bando de Lampião*. Mossoró: Fundação Municipal da Cultura, 2007 (Prêmio Fomento Edição 2007).
- ALVES, Maria da Penha C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. Revista *SIGNÓTICA*, Goiânia, v.24, n.2, pp. 305-322, jul./dez. 2012.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004 [2001, 2002].
- ANDRADE, Mário de. Romanceiro de Lampião (1932). In: _____. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Martins Fontes, Brasília: Instituto Nacional do livro 2005 [1975].
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003/2010 [1979].
- _____. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. 6. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2010/1998 [1975].
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Coleção Mossoroense, Série “C”, Volume 849, maio de 1996.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10ª. ed. São Paulo: Global, 2001.
- COSTA, Bruno Balbino Aires da. **“Mossoró não cabe num livro”**: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão e CASTRO Gilberto de (orgs). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KOCH. Ingedore Grunfeld. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1999.
- LIMA, Jose Otavio Pereira. *A Derrota de Lampião em Mossoró*. Mossoró/RN: Editora: Atelier Otávio, 1927 (cordel).
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NASCIMENTO, Geraldo Maia do. *Fatos e Vultos de Mossoró: acontecimentos e personalidades*. Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense. Série C, 2002.
- NONATO, Raimundo. *Lampião em Mossoró*. 6.ed. Coleção Mossoroense. Série C, Fundação Vingt-un Rosado. Natal/RN: Sebo Vermelho. 2005/2012 [1956].